

APRESENTAÇÃO

A Revista MATRAGA, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, tem a honra de publicar o seu número 23, relativo a julho-dezembro de 2008, dedicado a Machado de Assis e Eça de Queirós.

Os editores-executivos, auxiliados pelos membros do Conselho Consultivo e por pareceristas ad-hoc, tiveram a difícil tarefa de escolher os 12 artigos deste número dentre quase 40 que nos foram enviados. Seus autores vêm da Universidade de Santiago de Compostela, da Universidade de Lisboa, do Centro de Literatura Portuguesa de Coimbra, da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade de Santa Cruz do Sul, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense, da Universidade de São Paulo e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, contando entre eles com diversos pesquisadores da FAPERJ e do CNPq.

Além do conjunto de artigos, seguem neste volume dois ensaios de Magalhães de Azeredo, sobre Machado de Assis e Eça de Queirós, originalmente publicados na *Revista Moderna*, em 1897.

Carlos Magalhães de Azeredo nasceu no Rio de Janeiro, em 1872, e morreu em Roma, em 1963. Jornalista, diplomata e escritor, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Já aos dezessete anos inicia sua correspondência com Machado de Assis. Em 1893 bacharelou-se na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Dois anos depois ingressa na carreira diplomática, ocupando diversas funções no estrangeiro, entre as quais a de representante do Brasil no Vaticano, seu último posto.

Apesar de publicar muitos livros, principalmente de poesia, sua obra literária é pouco conhecida no Brasil. Sua correspondência, entretanto, constitui-se registro histórico precioso. Em dezembro de 2003, o ex-Presidente e então embaixador em Roma, Itamar Franco, encontrou originais inéditos do autor e os entregou à Academia. Desta correspondência, destacam-se as cartas a Machado de Assis e Mário de Alencar. Machado chegou a fazer-lhe confidências não registradas a nenhum outro.

Quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, a 28 de janeiro de 1897, foi um dos dez intelectuais convidados para integrar o quadro de fundadores, contando apenas vinte e cinco anos. Fale-

cando aos 91 anos, é o Acadêmico que por mais tempo ocupou sua cadeira: 66 anos.

No ensaio sobre Machado de Assis, tenta interpretar o seu temperamento original, falando antes do homem a partir da sua obra. Seu comentário, com o sabor dos comentários do século XIX, que não se queriam imparciais a despeito do positivismo à roda, vê no autor um “juiz severamente minucioso no inquérito e indulgente na sentença”, o que nos parece uma excelente síntese para a literatura de Machado de Assis, dedicada a pensar o ser humano da maneira tanto mais rigorosa quanto mais ética e humana possível, tornando compatível e compossível o que a qualquer outro pareceria apenas inviável e impossível. Para isso, Magalhães revela que a arma principal de Machado é a ironia, não sem destacar, com toda a razão, que se trata de uma arma de dois gumes, posto que também fere os que a ela recorrem.

Em sua abordagem da obra e do homem de letras que foi Eça de Queirós, Magalhães de Azeredo dá testemunho invulgar da aproximação entre o autor d' *Os Maias* e Machado de Assis, que se foi fazendo na maturidade de ambos, ultrapassado assim o conhecido episódio de 1878, à época dos artigos de 16 e 30 de abril n' *O Cruzeiro*, circunstanciadamente críticos em relação a *O primo Basílio* e a *O crime do padre Amaro*, que geraram apenas uma resposta pessoal e brevíssima (por carta de 29/6/1878) de Eça. Azeredo destaca que Eça “[põe] no que [crê] a sua própria alma, embora se não [encerre] nos âmbitos de um perpétuo subjetivismo”, desabonando as hipóteses ainda hoje correntes do Eça frio, imparcial, em sua crítica severa ao Portugal beato e sentimental, e também a do Eça supostamente descrente de tudo dos últimos tempos. Com agudeza, Azeredo assinala que a verdade é bem outra: a ironia queirosiana não é “a [...] resignada e pálida dos que chegam à clausura de todas as descrenças”.

Orgulhamo-nos deste número da *Revista Matraga* e acreditamos que os leitores têm aqui muito o que explorar. Os diversos aspectos das obras dos dois maiores vultos da literatura finissecular de língua portuguesa, as variadas abordagens que suscitam, alguns balanços oportunos do que está feito e por fazer, certas aproximações formais e temáticas que os articulistas propõem, tudo isto nos leva a apostar na contribuição que este conjunto de trabalhos traz aos estudos literários.

Gustavo Bernardo Krause
Sérgio Nazar David